

## Rodas de Conversas em prisões

Aline Campos [\*]

Camila Simões Rosa [\*\*]

---

[\*] Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora na Universidade Federal do Tocantins (UFT).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9199-6859>

E-mail: [alinecampos@uft.edu.br](mailto:alinecampos@uft.edu.br)

[\*\*] Doutora em Educação Programa de Pós Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora substituta no Departamento de teorias e práticas pedagógicas da Universidade Federal de São Carlos (DTPP/UFSCar).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5499-3736>

E-mail: [srosa.camila@gmail.com](mailto:srosa.camila@gmail.com)

### RESUMO

Construído de forma compartilhada por duas pesquisadoras/educadoras com ações educativas e pesquisas ancoradas na perspectiva da Educação Popular, o presente artigo tem por objetivo contribuir no campo das metodologias dialógicas com discussões e reflexões sobre as Rodas de Conversas, aprofundando suas potencialidades em espaços prisionais. Sua constituição se dá primordialmente em três partes. Na primeira nos debruçamos numa fundamentação teórica das Rodas de Conversas. Posteriormente relatamos experiências e reflexões sobre o uso de tal metodologia em práticas relativas à pesquisa e docência. Por fim tecemos considerações sobre o uso desta metodologia participativa nas especificidades do contexto prisional.

**Palavras-chave:** Rodas de Conversas. Metodologia dialógica. Educação nas prisões. Pesquisa em prisões. Contexto de privação de liberdade.

## **(CON)VERSAR: ENTENDIMENTOS INICIAIS**

Por que conversamos? Por diversos motivos. Para fazer acordos, dar orientações, compreender alguma questão, compartilhar experiências e/ou confidências, expressar emoções e sentimentos, especular sobre a vida alheia, trocar percepções sobre assuntos diversos, para passar o tempo e, no caso deste artigo, para produzir conhecimento de forma compartilhada.

Conversamos nas mais diversas situações e contextos, com distintas pessoas e ao longo de toda a nossa vida. A conversa é algo intrinsecamente humano. Alguns outros animais, até onde sabemos, comunicam-se através de vocalizações emitindo, desta forma, mensagens. Todavia, nenhuma espécie desenvolveu uma linguagem tão sofisticada quanto a humana. E é essa linguagem, justamente, o que nos possibilita conversar. A ação de emitir e receber mensagens permite aos indivíduos se construir na coletividade, na produção, emissão e continuidade das experiências e dos diferentes tipos de conhecimentos.

É possível traçar inúmeras discussões sobre o ato e a finalidade do conversar. Neste artigo, contudo, temos como objetivo tecer reflexões acerca de suas potencialidades e limites quando realizadas no formato de Rodas de Conversas, enquanto metodologia participativa e dialógica de pesquisa e docência na Educação Popular. As prisões foram escolhidas como cenário para aprofundamento de reflexões em razão de experiências das autoras desenvolvidas nesse contexto, e por as considerarmos espaços desafiadores e, ao mesmo tempo, profícuos para a realização de Rodas de Conversas.

Este é um artigo escrito colaborativamente por duas mulheres que possuem experiências distintas em relação ao contexto em que utilizam as Rodas de Conversas, mas análogas no que se refere ao objetivo da metodologia utilizada. Desde que nos encontramos em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE-UFSCar), uma iniciando e outra finalizando o mestrado, passamos a partilhar nossas experiências sobre metodologias participativas e/ou dialógicas de pesquisa e docência. Nossos temas de investigação e práticas se deram em realidades marginalizadas e, naquele momento, já nos inquietava a necessidade de repensar os percursos metodológicos de forma que pudessem dar conta de responder às questões emergentes destes espaços. Faltava-nos, contudo, bagagem

para nos juntarmos a esse debate que, naquela época, era incipiente. Hoje, uma pesquisa rápida na internet possibilita o acesso a diversos materiais que discutem o uso das Rodas de Conversas no campo da Educação. A maior parte destas pesquisas parece, porém, se concentrar no campo da Educação Infantil, onde as Rodas de Conversas visam a colaborar no processo de socialização das crianças a partir de atividades que demandam respeito a tempos de fala e escuta. Apesar de mais escasso, no campo da pesquisa também é possível encontrar algumas produções. Convém destacar o livro “Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?”, organizado por Ribeiro, Souza e Sampaio (2018a), cujo objetivo é defender o uso da conversa como metodologia de pesquisa.

No contexto prisional, entretanto, essa discussão ainda é uma lacuna, tanto no campo da educação quanto da pesquisa. Existem experiências, inclusive as nossas, porém elas ainda não foram sistematizadas a partir desse recorte específico. E como as prisões possuem particularidades que interferem diretamente na dinâmica das conversas, sobretudo quando em roda, fazer esse debate possibilita trilhar, coletivamente, caminhos para fortalecê-las e ampliá-las nesses contextos. Esperamos, pois, contribuir nesse intento.

Em virtude de nossa afinidade ideológica e epistemológica com esse modo de produzir conhecimento e ao verificar, na prática, a potência dos encontros gerados pelas Rodas de Conversas, seguimos utilizando essa metodologia em outros espaços e contextos. Trilhamos caminhos distintos, mas afins. Ambas somos educadoras e atuamos como professoras universitárias, uma no sudeste e outra no norte do país. Além de nos valermos dessa metodologia nas aulas na Universidade, também a utilizamos nos projetos em que estamos envolvidas.

Antes de iniciar a tessitura das reflexões anunciadas convém lembrar que há muitos tipos de conversa. Ora, de qual conversa falaremos então? Assim como Fleuri (2019):

[...] distanciamos-nos do entendimento corriqueiro do diálogo como conversa fiada, caracterizada pela acriticidade e pelo descompromisso político. Afastamos-nos também do que poderíamos chamar de conversa desfiada, marcada pela dispersão e falta de foco, ou conversa enfiada, que impõe autoritariamente ideias e perspectivas sectárias. E nos aproximamos de uma perspectiva interacional e dialógica que poderíamos chamar de conversa porfiada, caracterizada pelo enfrentamento crítico dos desafios que se colocam no contexto social e ambiental, ou de conversa confiada, que permite estabelecer relações de parceria e confiança recíprocas entre os agentes

sociais ao buscarem compreender e resolver os problemas da realidade (FLEURI, 2019, p. 16).

Além de adotarmos a compreensão que o referido autor denominou como conversa porfiada e confiada, nos focaremos em três de suas características. A primeira delas é a de promover a *circulação da palavra*, pois requer a coexistência de duas ações simultâneas entre as pessoas que conversam: falar e escutar. Se apenas uma pessoa fala, não é conversa, mas sim palestra. Portanto, uma conversa exige que as pessoas que nela estão envolvidas ora falem, ora escutem, de modo que a palavra circule. A segunda característica é que ela *não se faz só*. Algumas pessoas podem dizer, metaforicamente, que “conversam consigo mesmas”, mas isso não é conversa, e sim pensamento. Uma conversa exige a interação entre, pelo menos, duas pessoas. Essas duas características anteriores nos conduzem para a terceira: a conversa é uma *partilha entre as pessoas*. Ou seja, as pessoas que conversam trocam entre si seus saberes, informações, impressões e opiniões. Esse partilhar favorece, portanto, a ampliação das perspectivas e entendimentos individuais e coletivos.

Em síntese, conversar é encontrar com o outro, num movimento que requer presença e escuta (RIBEIRO et al., 2018b), no qual se entra sem saber onde se irá chegar (LARROSA, 2013). É uma abertura para além de nós mesmos, o que faz da conversa “o instante em que o mundo parece e é muito mais belo do que de costume” (SKLIAR, 2018, p.13).

Após essa breve apresentação de nossas trajetórias e partindo dessas compreensões preliminares sobre conversa, as partes seguintes deste artigo consistem na discussão dos fundamentos que sustentam as Rodas de Conversas; compartilhamento e reflexões de algumas de nossas experiências em que fizemos uso desta metodologia participativa e, por fim, considerações sobre as especificidades dessa prática no contexto prisional.

## **RODAS DE CONVERSAS: POR QUE E PARA QUÊ?**

Parece válido, antes de se adentrar nos significados e sentidos das Rodas de Conversas, esclarecer que, tanto na pesquisa quanto na docência, nossas experiências com essa metodologia estão situadas no campo da Educação. Cumpre destacar, assim, nosso posicionamento político e ideológico sobre essa questão maior que é o pano de fundo da discussão que trata este artigo.

Na postura assumida, o pressuposto é de não neutralidade da Educação. Tanto a produção quanto a disseminação do conhecimento se dão em ações diretivas. O fato, porém, de ser a educação diretiva, não implica numa direção já determinada, cabendo a nós conduzir tais ações no sentido de manutenção ou superação das desigualdades sociais.

Alinhamo-nos, pois, à Educação Popular, entendida como um conjunto de escolhas e princípios e não uma teoria ou método único (BRANDÃO, 2002). O pressuposto é de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011, p. 95). Os conhecimentos são construídos e (re)significados a partir de práticas sociais que têm o “propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas” (OLIVEIRA et al., 2014, p. 33).

As pessoas vão, desse modo, formando e sendo formadas nas mais diversas experiências ao longo de suas vidas. Os saberes advindos destas vivências são substanciais em ações educativas pautadas no diálogo e na emancipação. Daí que nas práticas de Educação Popular o “saber de experiência feito” (FREIRE, 2011), proveniente da leitura de mundo de cada educando, seja ponto de partida na construção dos conhecimentos.

Estando fundamentadas numa “educação como prática da liberdade” (FREIRE, 2011; HOOKS, 2007), a premissa é de que o diálogo possibilita aos sujeitos condições para reflexões e para a construção de um conhecimento contextualizado e, assim, emancipador. Tal diálogo:

[...] fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e; nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se (FIORI, 1981, p. 10).

Desta forma, o educar e educar-se estão intimamente associados ao partilhar das vivências em grupos. Nas Rodas de Conversas, neste processo de admiração de um mesmo mundo (FIORI, 1981), os dialogantes são convidados a construir conhecimentos de forma colaborativa e a pluralidade de compreensões sobre um determinado objeto é o que permite um aprendizado significativo e contextualizado.

Diferentemente da concepção bancária de educação, que somente considera válido o conhecimento acadêmico e/ou científico, sistematizado pelos que se entendem detentores do saber, na concepção dialógica há uma valorização dos diferentes tipos de conhecimento. No

processo de aprendizagem, ao se unir o conhecimento científico com o “saber de experiência feito” proporciona-se um “enriquecimento mútuo a esses dois âmbitos da existência humana. [...] Trata-se da criação de sentido que se dá em torno da vida coletiva, embora beneficie diretamente a vida pessoal” (MELO, 2003, p. 452).

As Rodas de Conversas, enquanto metodologia participativa, coadunam com os princípios da Educação Popular, pois nelas os integrantes são desafiados a problematizar a realidade e expor suas reflexões. Construída em ambiente informal, as rodas possibilitam “elaboraões provocadas por falas e indagações” (GONÇALVES et al., 2007, p. 54). O processo é mais importante que o produto, e a aprendizagem e construção de conhecimento se dão numa postura dialógica, de quem faz *com* e não *sobre* ou *por*.

Constituem-se, desse modo, como metodologia que incentiva a participação e reflexão e busca “construir condições para um diálogo entre os participantes através de uma postura de escuta e circulação da palavra bem como com o uso de técnicas de dinamização de grupo” (AFONSO; ABADE, 2008, p. 19). Tal metodologia pode ser utilizada em diferentes contextos em que se objetive a promoção de reflexões sobre temas e/ou situações. Além disso, elas geram e/ou fortalecem sentimentos de pertencimento (SERPA, 2018), bem como reconhecem e valorizam as diversidades de saberes, denominada por Santos (2007) de ecologia de saberes.

Enquanto recurso metodológico científico, as Rodas de Conversas são semelhantes ao Grupo Focal, também utilizado em pesquisas qualitativas. No Grupo Focal se busca a pluralidade de ideias ao invés do consenso, sendo fundamental o registro sistemático das informações. Nesta metodologia há necessidade de se estabelecer relação de confiança entre o pesquisador e os participantes, o que estimula o diálogo sobre determinado assunto (RESSEL et al., 2008). Todas essas características também se fazem, de certa forma, presentes nas Rodas de Conversas, entretanto, o Grupo Focal apresenta organização mais sistemática, exigindo do(a) pesquisador(a) clareza das questões a serem propostas para discussão (GUI, 2003). Nas Rodas de Conversas, por sua vez, os diálogos fluem de forma mais espontânea. Há um fio condutor, um planejamento, que é o tema de discussão que reúne o grupo para o diálogo, porém não há necessariamente um roteiro de questões.

O Grupo Focal prevê um assistente/facilitador de pesquisa, que é responsável por fazer o registro e/ou manusear o equipamento de gravação, deixando o pesquisador mais livre para conduzir a mediação do diálogo. Na Roda de Conversas esse assistente pode estar presente,

porém, ao ter a confiança como um elemento importante para a promoção de partilhas espontâneas e sinceras, a presença de um membro desconhecido pode dificultar a abertura dos participantes para o diálogo. Na metodologia dos Grupos Focais a premissa é de que o diálogo se faz mais profícuo quando nenhum dos participantes tem relacionamentos anteriores entre si e com o facilitador. Todavia, nas Rodas de Conversas estes relacionamentos podem favorecer o processo educativo e a familiaridade (interpessoal e cultural), uma vez que são base para a construção da confiança (TACHINE et al., 2016).

O próprio nome de cada um desses recursos fala um pouco por si: o Grupo Focal enfatiza o foco sobre o qual o grupo selecionado irá dialogar; as Rodas de Conversas têm como cerne a formação em círculo e a circulação da palavra. Numa questão mais prática, a formação em círculo viabiliza, o que nos parece precioso na prática educativa dialógica, que todos possam se olhar nos olhos da posição em que se encontram, somente movimentando a cabeça. Em círculo, nas rodas, o espaço se faz inclusivo, pois ninguém senta acima ou abaixo de ninguém. Tal disposição possibilita o compartilhar de experiências/saberes em princípio de igualdade, rompendo com o exercício de poder que gera a verticalização na relação entre pesquisador e sujeito colaborador e/ou entre educador e educandos.

Daí que possa ser entendida como uma linha de fuga às normativas da produção de conhecimento tradicional (SAMPAIO et al, 2018) ou uma ampliação das possibilidades de produção de dados (FERRAÇO, ALVES, 2018). Nelas “o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão” (MOURA; LIMA, 2014, p. 99).

Nessa metodologia a questão da organização dos tempos e durações das falas se constitui como uma ação primordial que permite a todos os participantes se expressarem e serem respeitados em suas manifestações. Pode-se optar por diferentes métodos na ordenação dos tempos. Um deles é a inscrição dos participantes que desejam falar, reforçando sempre que o espaço de voz deve ser justamente dividido. Pode-se também utilizar de algum objeto que simbolize a vez de cada um falar, de modo que somente quem está em posse do objeto pode se expressar no seu próprio ritmo, sem interrupções. É possível também fazer outros acordos prévios e, inclusive, pensar juntamente com o grupo soluções para que não haja sobreposição de falas e monopólio da palavra.

Por estarem envolvidas nesse conjunto de características apresentadas, as Rodas de Conversas não podem ser compreendidas como uma mera forma de dispor as pessoas no espaço. Ainda que a disposição marque fisicamente uma maneira de relacionamento horizontal entre as pessoas, isso não é suficiente para que a conversa não seja autoritária.

O conflito pode ser, e não há problema que seja, um elemento do diálogo. As Rodas de Conversas, ao desafiarem seus participantes a produzir e pensar juntos, promovem um “encontro raramente harmonioso e tranquilo” (SERPA, 2011, p. 55). O diálogo nem sempre se dá entre pessoas que compartilham da mesma visão de mundo. Nessa relação conflituosa e educativa “o outro se apresenta como um espelho que reflete, muitas vezes, as partes invisíveis de mim” (idem, 2011, p. 55). Trata-se de um espaço marcado pela tradução e negociação, “traduções que tantas vezes nos traem, negociações nem sempre possíveis” (ibidem, 2011, p. 55). Por isso,

A dialogicidade aqui compreendida é composta, não apenas pelo enfrentamento e/ou negociação entre diferentes lógicas externas, mas pelo enfrentamento/negociação entre diferentes lógicas internas que nos compõe e dialogam com diferentes lógicas internas que compõem os outros sujeitos. Não apenas duas lógicas que se contrapõem, mas sujeitos ambivalentes, compostos por muitas lógicas, que se contrapõem (SERPA, 2011, p. 55).

Como o próprio nome anuncia, as rodas são feitas de conversas, e parece parvo dizer que seus propósitos se concentrem no conversar. Mas, de fato, o conversar é a essência desta metodologia e deve ser compreendido no âmbito das práticas educativas dialógicas enquanto exercício do pensar compartilhado.

Isso implica no fato de que as relações e as ações devem se estabelecer e se fundamentar a partir do diálogo – que, neste contexto, demanda a valorização de argumentos provenientes não apenas do mundo objetivo, como também do mundo social e do mundo subjetivo (MELLO, 2003). Pouco importa se quem se manifesta na roda vai contribuir para a discussão apresentando uma referência teórica ou uma vivência (o “saber de experiência feito”). Também não tem importância se as pessoas possuem diferentes graus de inibição, distintas formas de construir suas falas, se usam ou não gírias. Não há quem sabe mais e quem sabe menos; a riqueza se faz na diversidade não hierarquizada de saberes, o conhecimento se constrói nesta ação educativa dialógica e os frutos são colhidos durante o processo, nas trocas do que cada participante soma à discussão.

## DE DENTRO DAS RODAS

O que nos aproximou da utilização da metodologia das Rodas de Conversas foi a possibilidade de construção de conhecimento pautado na emancipação dos sujeitos e transformação da realidade. A partir de práticas educativas ancoradas nos pressupostos da Educação Popular, o uso desta metodologia participativa projeta, sobretudo, a construção de um conhecimento libertador.

Na pesquisa realizada por Rosa (2014), materializada na dissertação “Mulheres Negras e seus cabelos: um estudo sobre questões estéticas e identitárias”, as Rodas de Conversas objetivavam promover um encontro de saberes das mulheres colaboradoras e possibilitar a partilha de experiências relativas a seus cabelos crespos numa sociedade com práticas ancoradas na misoginia e no racismo. Que outros pontos poderiam surtir na coletividade que podem não ter sido alcançados com as entrevistas individuais? As Rodas de Conversas permitiram, para além da riqueza de dados, a possibilidade que as mulheres negras ali presentes (o que inclui a própria pesquisadora) vivenciassem uma situação incomum em seus cotidianos: conversar sobre relações raciais e se entender como mulher negra a partir da partilha de experiências com seus pares.

Na pesquisa realizada por Campos (2015), que culminou na dissertação “Educação, escola e prisão: o ‘espaço de voz’ de educandos do Centro de Ressocialização de Rio Claro/SP”, interessava que os dados fossem frutos de entendimentos construídos dialeticamente. Ora, mas ao(à) entrevistador(a) não cabe discordar. Nas Rodas de Conversas, porém, abre-se espaço para emergir a pluralidade de opiniões. A formação do grupo propicia a fluidez da palavra, de modo que a fala de um participante desencadeia a fala de outro ou o que é dito por um é desdito por outro. Assim, a conversa se desenvolve numa espécie de rede, na qual os significados vão sendo construídos de maneira plural, diferentemente da entrevista que se estrutura de maneira linear entre a fala do(a) entrevistador(a) e a do(a) entrevistado(a). Extrapolando os objetivos da pesquisa, as Rodas de Conversas propiciaram também o estreitamento das relações entre os participantes e a possibilidade de valorização de vozes silenciadas.

Para além da pesquisa, as Rodas de Conversas foram/são utilizadas por nós como metodologia pedagógica em alguns espaços de privação de liberdade. Nas experiências realizadas em contextos prisionais femininos do interior paulista, as Rodas de Conversas se

mostraram proficuas nas discussões sobre o feminismo negro. Mulheres negras e não negras puderam compreender mais sobre o racismo e o machismo presentes e recorrentes na sociedade, a partir do compartilhar de suas vivências e do levantamento de saberes sobre relações raciais e de gênero.

Esta metodologia também é utilizada em um projeto de extensão que promove Clube de Leitura em uma unidade prisional masculina no Tocantins, que tem se revelado potente na socialização das impressões sobre as obras literárias lidas coletivamente. Nessas Rodas de Conversas, homens marcados pela trajetória de abandono e/ou “fracasso” escolar se reencontram com o prazer de aprenderem juntos, a partir das discussões, polêmicas e risadas provocadas pela leitura. Aprendem a ler, a organizar e expressar suas opiniões, mas também a ouvir, num processo que envolve a reflexão sobre os mais variados temas.

É a partir desse conjunto de experiências e à luz de referenciais teóricos que dialogam com essa temática que propomos a seguir a reflexão sobre as Rodas de Conversas em prisões.

## **AS RODAS EM PRISÕES**

Seja como recurso metodológico de pesquisa, seja como instrumento pedagógico, as Rodas de Conversas devem possibilitar encontros dialógicos, criando possibilidades de produção e ressignificação de sentido – saberes – sobre as experiências dos partícipes. Sua escolha se baseia na horizontalização das relações de poder. Os sujeitos que as compõem se implicam, dialeticamente, como atores históricos, sociais, críticos e reflexivos diante da realidade. Dissolve-se a figura do mestre, como centro do processo, e emerge a fala como signo de valores, normas, cultura, práticas e discurso, pois “o que se busca na roda não é uma disputa sobre ‘quem tem razão’, mas a apreciação das diversas razões, o alargamento da visão de cada um, a ampliação dos horizontes e a possibilidade de melhor refletir sobre a questão abordada” (AFONSO; ABADE, 2008, p. 24). Daí que ela seja potente no repensar e refazer da educação e da pesquisa acadêmica, sobretudo quando desenvolvida com grupos marginalizados e silenciados.

No contexto prisional, contudo, é importante compreender que por estes espaços terem como prioridade as questões de segurança, se apresentam como locais de difícil acesso.

Pesquisas, e também ações, que buscam se realizar *dentro* da prisão e não *sobre* as prisões se deparam com diversos desafios:

Primeiro, colocam-se os caminhos tortos, sinuosos, com idas e vindas, com autorizações e negações, negociações e astúcias, para que se possa entrar nas prisões. Segundo, a esses percursos confusos e sempre pontilhados de desconfianças que orienta os que governam as prisões, estão os desafios do labirinto real, dos labirintos arquitetônicos, nos quais um pesquisador em geral nunca pode se mover sozinho, com autonomia de decisão (SALLA, 2013, p. 13).

A superação de tamanhos desafios e a capacidade de se mover por tais labirintos sem se perder não é uma habilidade inata: requer cautela e preparo. Reconhecer, humildemente, que se trata de um contexto complexo, cuja compreensão exige tempo e experiência, para além das teorias, é uma premissa que favorece a viabilização e a permanência das ações/pesquisas. Esse é um esforço válido e imprescindível, uma vez que a luta contra a dominação requer um rompimento com as estruturas, possibilitando o surgimento de um novo ser humano e de um novo mundo (FIORI, 1986). Entretanto, um novo mundo só é possível por meio de uma nova cultura, entendida pelo autor como valorização do ser humano, ou seja, humanização. Nas prisões a lógica que predomina é a da desumanização e, por isso, nestes espaços é ainda mais urgente a luta contra a dominação que mutila o eu e anula o ser.

Neste, e em outros contextos de marginalização, as práticas didáticas não podem ser regidas por esquema fixo e absoluto, sendo necessário compreender que “nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros” (HOOKS, 2007, p. 17-18). Disso se depreende a importância do despir-se de preconceitos em relação ao imaginário pejorativo associado às pessoas presas e de encontrar caminhos para o estabelecimento de laços de confiança e afetividade, o que em geral não é fácil num contexto marcado por desconfiança e violências.

Não menos importante, é preciso que tanto os que provocam as Rodas de Conversas quanto os demais que dela participam estejam verdadeiramente interessados naquilo que é falado. Há que haver, desse modo, sensibilidade tanto na escolha da temática quanto na mediação das conversas. Para isso, uma inserção e/ou imersão prévia nessa realidade se constitui como uma importante estratégia de aproximação e compreensão das peculiaridades e

sutilezas que compõem o cenário prisional. Isso pode ajudar, inclusive, a fazer com que o(a) mediador(a) se sinta e seja reconhecido pelos demais como parte do grupo.

As rodas, em tais contextos, devem prezar primordialmente pelo estabelecimento de um local seguro para as diferentes manifestações dos participantes, que devem confiar uns nos outros. O uso das Rodas de Conversas requer o estabelecimento de “condições dialógicas para que a reflexão aconteça” (AFONSO; ABADE, 2008, p. 23). Desta forma, “a roda de conversa deve se dar em um contexto onde as pessoas podem se expressar sem medo de punição social ou institucional” (idem, 2008, p. 24). Esse talvez seja um dos maiores desafios das Rodas de Conversas em prisões. A cultura prisional é marcada pela punição, vigilância e controle constante. A disciplina é fortemente associada à obediência, de modo que a reflexão e problematização podem ser vistas como empecilhos para a manutenção da ordem conservadora. Em uma de nossas experiências um dos participantes chegou a confidenciar tal situação, dizendo que só aceitou participar dos encontros devido à consideração que tinha pela professora que mediará as Rodas de Conversas. Segundo ele, era uma decisão arriscada, pois ele não sabia a priori quem seriam os demais participantes. Ou seja, a constituição de um grupo de conversa na prisão não pode ser feita ignorando-se os meandros das relações que se estabelecem nesses contextos.

Ao mesmo tempo, tais práticas devem insistir no reconhecimento da presença de cada um que delas participam. É preciso que se compreenda que todos exercem influências na dinâmica do que está acontecendo e que contribuem, portanto, para a construção do conhecimento (HOOKS, 2007). Esse é outro pré-requisito desafiador nos espaços prisionais, pois em virtude da existência de distintas facções criminosas e desavenças pessoais e/ou grupais entre as pessoas que estão presas, algumas interações às vezes são proibidas. Naquelas que se apresentam como possíveis, entretanto, carece de cuidar para que todos se sintam acolhidos e que, no momento das rodas, as regras de convívio das celas ou procedimentos de segurança, como “cabeça baixa e mãos para trás”, sejam temporariamente esquecidos.

É preciso oferecer algumas condições para incentivar a conversa, bem como buscar superar as dificuldades dos que apresentarem resistências iniciais. Às vezes, as pessoas se sentem intimidadas pelo fato de terem um vocabulário diferente, não possuírem educação formal, terem receio de abordar determinados temas, de revelar experiências sofridas, de expressarem opiniões e assim por diante. Nem sempre a reflexão faz parte do cotidiano. Muitas

pessoas vivem em contextos que não cultivam e/ou incentivam a reflexão, chegando em alguns casos a ser impedidas por meio de repressões. Vivemos em uma sociedade marcada, sobretudo, pela desigualdade. Tal condição gera impactos também sobre as oportunidades de expressão, comunicação e reflexão. Também são diferentes as condições que as pessoas têm de participar e refletir em seus diferentes contextos de vida. É claro que, sendo a capacidade de pensar própria do ser humano, não podemos falar em uma incapacidade, generalizada, de pensar em dados contextos. Porém, alguns impõem dificuldades à reflexão, por exemplo, as situações de sofrimento ou de exclusão social. Quando alguém consegue, apesar de tudo, refletir nestes contextos, via de regra possibilita importantes contribuições na compreensão do próprio ser humano (AFONSO; ABADE, 2008).

A população carcerária é majoritariamente composta por pessoas com histórico de marginalização social e baixa escolaridade. Nas prisões elas são estigmatizadas e estimuladas a se portarem de maneira submissa para serem consideradas com “bom comportamento”. Essas vivências favorecem a desconfiança, insegurança e o estranhamento frente ao convite à reflexão. Em nossas experiências verificamos a predominância do silêncio nas conversas iniciais, que paulatinamente vai sendo rompido por algumas vozes mais ousadas. Com o tempo e, mais, com a percepção dos propósitos e compromissos do convite, mais vozes passam a ser pronunciadas. Por isso, as Rodas de Conversas com grupos marginalizados não podem ser feitas com margem de tempo estreita; elas não funcionam às pressas. Ademais, por considerar válido todos os posicionamentos que delas advêm, é interessante consultar todos os participantes em relação a seguir ou interromper as Rodas, quando estas alcançam o tempo previamente estipulado.

O trabalho inicial deve incluir o estabelecimento de valores e diretrizes relativas a como se portar e se comportar em Rodas de Conversas. Há que se considerar que, não raras vezes, trata-se de uma experiência nunca antes vivida por alguns dos participantes. Pelo desconhecimento, alguns podem não saber ao certo como agir. Isso pode levar ao silenciamento em uns e ao excesso de fala em outros. Por essa razão, vale enfatizar a importância de que seja estimulado, em igual medida, a fala e a escuta de todos.

Além disso, se o intuito é promover uma conversa sincera, os participantes têm o direito de compreender o sentido da atividade, seu processo, e estabelecer conexão com seu objetivo final. No caso das Rodas utilizadas como metodologia de pesquisa, há que se considerar a

possibilidade de permitir que os participantes tenham acesso à transcrição da conversa e/ou registros de observação, podendo fazer alterações no que julgarem comprometedor. Além de reconhecimento de nossas limitações na compreensão da dinâmica das prisões, essa postura favorece o estabelecimento/fortalecimento da relação de confiança.

A conversa se faz por meio do diálogo. Diálogo é ouvir, sentir, interagir. Não se trata de diálogo autocentrado; as falas não se hierarquizam em grau de importância. É diálogo construído na coletividade. Nas Rodas de Conversas se revelam a conexão e igualdade entre os diferentes participantes por meio do compartilhamento de suas experiências, percepções, conhecimentos. Isso faz delas um “caminho para o *aprendizado da convivência*” (WARSCHAUER, 2004, p. 14). Quer aprendizado mais indispensável na prisão?

### **PARA SEGUIR CONVERSANDO...**

Geralmente as conversas acabam, mas não terminam. Acabam porque finda o tempo, porque alguns precisam ir embora, porque anoitece ou amanhece o dia, porque é necessário cuidar de outros afazeres. Mas não terminam porque “conversa puxa conversa”. A abertura lhe é própria. De um assunto passa-se para outro, que conduz para um terceiro que, por sua vez, conecta com um quarto e assim vai, indeterminadamente. Às vezes vai longe, depois volta. Não é linear, está mais próximo do conceito de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995), que não aceita compartimentos, pois se espalha em todas as direções.

Não seria coerente, portanto, chegar ao final desse artigo com conclusões ou considerações finais. Buscamos apresentar aqui a sistematização de reflexões oriundas de um conjunto de experiências que foram vividas por duas diferentes mulheres e inicialmente compartilhadas entre elas, em algumas tantas conversas. Esperamos que nossas reflexões possam adentrar e atravessar outras conversas e possam incrementar o debate sobre as Rodas de Conversas enquanto metodologia, sobretudo em contextos de privação de liberdade.

O cerne da discussão aqui apresentada pretende apontar duas premências que, de forma geral, tratam da não hierarquização de saberes: uma relativa à pesquisa e outra às práticas educativas. Na pesquisa se faz urgente reexaminar as metodologias que fixam os sujeitos participantes como informantes e posteriormente como receptores de conclusões, trilhando, desta forma, caminhos para compreensão destes sujeitos como participantes da produção de

conhecimento sobre si e sua realidade (STRECK, 2016). Na docência, o imperativo está em rever o papel da escola e das práticas educativas vigentes, “alterando sua rigidez e as práticas de adestramento que levam à obediência, à passividade e à subordinação” (WARSCHAUER, 2004, p. 13).

Em meio a essas inquietações, as Rodas de Conversas emergem como possibilidade de transformação desses *modus operandi*, uma ousadia quando empregadas na produção de dados para pesquisa qualitativa (MOURA; LIMA, 2014), sendo ainda mais desafiadoras em contexto de privação de liberdade.

A Roda de Conversas não é um recurso fácil de ser utilizado neste contexto; exige preparo e, sobretudo, compromisso para com a emancipação das pessoas que estão presas. Não se realiza na ausência da sensibilidade, sem o envolvimento das pessoas no conversar e sem paixão pelos conhecimentos compartilhados (WARSCHAUER, 2004). É, ao mesmo tempo, potente. Promove a socialização, o sentimento de acolhimento, o respeito às diferenças, a valorização da voz de todos os indivíduos. Contrasta, pois, com a rotina prisional e o tratamento e negligências a que estão submetidas as pessoas presas. Contribui, portanto, na reinvenção das prisões, no sentido de “levar adiante um trabalho que crie ambientes mais humanos e habitáveis para as pessoas na prisão sem reforçar a permanência do sistema prisional” (DAVIS, 2018, p. 112). Por isso, é fundamental seguir conversando sobre esses outros caminhos possíveis, para que essas reflexões coletivas, que são as conversas, nutram nas prisões práticas que permitam a resistência na condição humana.

Encerramos este artigo reafirmando que sua construção se deu por meio de alegres e construtivas conversas. Reencontro com conversas de outrora, agora aprofundadas, ampliadas e mediadas pelas novas tecnologias. Conversas sobre experiências, reflexões e estudos; sobre as possibilidades e caminhos para produção e atuação compartilhada; sobre o que compreendemos por Rodas de Conversas e como desenvolvê-las nos contextos prisionais. Conversas que nos fortalecem em nossas distintas, mas convergentes, práxis. E que são, em última instância, um convite para pensar em possibilidades de aberturas e novos fazeres na educação e pesquisa, inclusive na prisão.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda; ABADE, Flávia Leme. **Para reinventar as rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadão**. Petrópolis, RJ: Petrópolis, 2002.

CAMPOS, Aline. **Educação, escola e prisão: o “espaço de voz” de educandos do Centro de Ressocialização de Rio Claro/SP**. 2015. 275 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2015.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1, São Paulo: Editora 34, 1995.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos encontros, experiências e amizades. In:

RIBEIRO, Tiago; SOUZA Rafael de.; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua Palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 10 e 11 (Prefácio).

FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: UFRGS, 11(1), 1986. p. 3 – 10.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Conversidade: diálogos entre universidade e movimentos sociais**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/viewIssue/3068/334>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GONÇALVES & SILVA, Petronilha Beatriz; BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. Roda de conversas - Excelência acadêmica é a diversidade. **Educação**, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil vol. XXX, núm. 61, janeiro-março, p. 53-92, 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/540>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

GUI, Roque Tadeu. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **Revista rPOT**, Santa Catarina, v. 03, n.01, p. 135-160, jan/jul 2003. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572003000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572003000100007). Acesso em: 07 de maio de 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2007.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, 2002, p. 20-28. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 07 de maio de 2020.

LARROSA, Jorge. Epílogo. A Arte da conversa. In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: D, P&A, 2003. p. 211 - 216.

MELLO, Roseli Rodrigues. Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógico. **Revista Contrapontos**, v. 3, n. 3, p. 449-457, 2003. Disponível em: <https://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/740>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n.1, p.98 - 106, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida Victoria Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre a pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUZA, Fabiana Rodrigues de (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, p. 29 - 46, 2014.

RESSEL; Lúcia Beatriz; BECK, Carmem Lúcia Colomé; GUALDA, Dulce Maria Rosa; HOFFMANN, Izabel Cristina; SILVA, Rosângela Marion da; SEHNEM, Graciela Dutra. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 17(4), p. 779-786, out-dez 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-07072008000400021&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-07072008000400021&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 07 de maio de 2020.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA Rafael de.; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018a. 216p.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA Rafael de.; SAMPAIO, Carmen Sanches. É possível a conversa como metodologia de pesquisa? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA Rafael de.; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018b. p. 163 – 180.

ROSA, Camila Simões. **Mulheres negras e seus cabelos**: um estudo sobre questões estéticas e identitárias. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SALLA, Fernando. A pesquisa na prisão: labirintos. In: **Prisões e punições**: no Brasil contemporâneo. LOURENÇO, Luiz Claudio; GOMES, Geder Luiz Rocha. Salvador: EDUFBA, 2013. p.11 – 27.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Gilney Costa; AGOSTINI, Marcia; SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 1299-1311, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832014000601299&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832014000601299&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 07 de maio de 2020.

SAMPAIO, Carmen Sanches, RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA Rafael de.;

SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 21 - 40.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP**, n.79, São Paulo, p. 71- 94, Nov. 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000300004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004). Acesso em: 07 de maio de 2020.

SERPA, André. Quem são os outros na/da avaliação? Caminhos possíveis para uma prática dialógica, 2010. 223 f. Tese (Doutorado em Educação): Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2010.

SERPA, André. Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA Rafael de.; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SKLIAR, Carlos. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA Rafael de.; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p.11 - 15.

STRECK, Danilo Romeu. Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 537-547, 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832016000300537&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832016000300537&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 07 de maio de 2020.

TACHINE, Amanda R.; BIRD, Eliza Yellow; CABRERA, Nolan L. Sharing circles: An Indigenous methodological approach for researching with groups of Indigenous peoples. **International Review of Qualitative Research**, v. 9, n. 3, p. 277-295, 2016.

WARSCHAUER, Cecília. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para inclusão e a formação. In: PINTO, Silvia Amaral de Mello et al. **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna**. Petrópolis, Vozes, 2004. p. 13-23.

### **CIRCLES OF CONVERSATION ON PRISONS**

#### **ABSTRACT**

This article was a shared written project by two researchers/professors with educative actions and researches based on the popular educational perspective. This project has its goals settled on contributing on the didactic methodology field, with discussions and reflections over the “Circles of Conversations”, deepening into its potentialities on prisional sites. It’s constitution gives itself mainly ok three parts. First, it will sink into a theoretical emphases on the “Circles of Conversation”. Later, it is described experiences and reflections over the use of such methodology on the practice of researchers and professors. Last but not least, it’s given the final considerations over the use of this methodology on the nuanced prisional context.

**Keywords:** Circles of Conversation. Dialogic Methodology. Education on Prisons. Prison Researches. Context of Free Will Privation.

### **CÍRCULOS DE CONVERSACIONES EN LAS CÁRCELES**

#### **RESUMEN**

Construido de manera compartida por dos investigadoras/educadoras con acciones educativas y investigaciones ancladas en la perspectiva de la Educación Popular, este artículo tiene como objetivo contribuir en el campo de las metodologías dialógicas con discusiones y reflexiones sobre los Círculos de Conversaciones, profundizando su potencial en los espacios carcelarios. Su constitución ocurre principalmente en tres partes. En la primera, nos centramos en una base teórica de los Círculos de Conversaciones. Más adelante presentamos experiencias y reflexiones sobre el uso de dicha metodología en prácticas relacionadas con la investigación y la enseñanza. Finalmente, hacemos consideraciones sobre el uso de esta metodología participativa en las especificidades del contexto carcelario.

**Palabras clave:** Círculos de conversaciones. Metodología dialógica. Educación en las cárceles. Investigación em las cárceles. Contexto de privación de libertad.

---

Submetido em: maio de 2020.

Aprovado em: julho de 2020.

Publicado em: julho de 2020.